



SER-E-ESTAR-ENTRE: A CONDIÇÃO INTERSUBJETIVA DA RELAÇÃO TERAPÊUTICA

Being-in-between: the intersubjective condition of the therapeutic relation

LUCIA MARQUES STENZEL *

Ser-y-estar-entre: la condición intersubjetiva de la relación terapéutica

Resumo: O objetivo deste estudo teórico é propor um modelo de compreensão da relação terapêutica por meio da análise da esfera ontológica do ser-entre (condição ontologicamente intersubjetiva da subjetividade) e a esfera do estar-entre (condição ôntica do estar em relação). Oito elementos são considerados constitutivos dessa relação: intersubjetividade, empatia, comunicação, técnica, queixa, historicidade, temporalidade e sentido. Por meio da análise crítica desses construtos teóricos, propõe-se romper com a concepção de que a psicoterapia parte de uma visão subjetivista, monológica e atemporal. Demonstra-se que a relação terapêutica é um encontro dialógico e intersubjetivo, inserido na historicidade e na temporalidade, em que terapeuta e cliente, mediados pela comunicação e orientados por um modelo psicoterápico específico, constroem sentidos sobre o sofrimento e a queixa terapêutica. O modelo de compreensão proposto evidencia o potencial epistemológico e metodológico de investigação que poderá integrar diferentes tradições na pesquisa qualitativa como a fenomenologia, o construcionismo e a linguística. Por fim, são apontadas propostas empíricas e metodológicas de geração e análise de dados, evidenciando que uma prática psicoterápica pautada no “entre” é o caminho necessário para uma clínica que pretende-se de base fenomenológica.

Palavras-chave: Intersubjetividade; Psicoterapia; Relação terapêutica; Fenomenologia

Abstract: The objective of this theoretical study is to propose a model for understanding the therapeutic relation through the analysis of the ontological and ontic perspective of being-in-between. Eight elements are considered as constitutive of this relation: intersubjectivity, empathy, communication, technique, complaint, historicity, temporality and meaning. Through a critical analysis of these theoretical constructs, we propose to disrupt the conception that psychotherapy is based on a subjectivist, monologic and atemporal view. We demonstrate that the therapeutic relation is a dialogical and intersubjective encounter, inserted in historicity and temporality, in which the therapist and client, mediated by communication and guided by a specific psychotherapeutic model, build meaning about suffering and the therapeutic complaint. The proposed model of understanding reveals the epistemological and methodological potential of an investigation which may integrate different traditions in qualitative research, such as phenomenology, constructionism and linguistics. Finally, empirical and methodological proposal of data generation and analysis are indicated, highlighting that a psychotherapeutic practice based on the “in-between” is the necessary path for a clinic that claims to be phenomenologically grounded.

Keywords: Intersubjectivity; Psychotherapy; Therapeutic relation; Phenomenology

Resumen: El objetivo de este estudio teórico es proponer un modelo de comprensión de la relación terapéutica por medio del análisis de la esfera ontológica del ser-entre (condición ontológicamente intersubjetiva de la subjetividad) y de la esfera del estar-entre (condición ôntica del estar en relación). Ocho elementos se consideran constitutivos de esa relación: intersubjetividad, empatía, comunicación, técnica, queja, historicidad, temporalidad y sentido. Por medio del análisis crítico de esos constructos teóricos, se propone romper con la concepción de que la psicoterapia parte de una visión subjetivista, monológica y atemporal. Se demuestra que la relación terapéutica es un encuentro dialógico e intersubjetivo, inserto en la historicidad y en la temporalidad, en el que terapeuta y cliente, mediados por la comunicación y orientados por un modelo psicoterápico específico, construyen sentidos sobre el sufrimiento y la queja terapéutica. El modelo de comprensión propuesto pone de manifiesto el potencial epistemológico y metodológico de una investigación que se plantee integrar diferentes tradiciones en la investigación cualitativa, como la fenomenología, el construcionismo y la lingüística. Por último, se señalan propuestas empíricas y metodológicas de generación y análisis de datos que ponen en evidencia que una práctica psicoterápica fundada en el “entre” es el camino necesario para una clínica que se pretenda de base fenomenológica.

Palabras clave: Intersubjetividad; Psicoterapia; Relación terapéutica; Fenomenología.

* Professora Associada do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Saúde da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSA, Porto Alegre/Brasil). E-mail: lstenzel@ufcsa.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2040-1998>



Introdução

A interdependência entre o eu e os outros é um tema de interesse não só para a Filosofia, mas também para as Ciências Humanas e Sociais. Em contextos de práticas profissionais como a educação, a saúde e a psicoterapia, observa-se uma busca crescente pela compreensão da intersubjetividade e da dialogicidade (Marková, 2017a, 2017b). Mascolo e Kallio (2020), argumentam sobre a necessidade de traçar uma epistemologia intersubjetiva para a ciência psicológica com base nas perspectivas fenomenológica, construtivista e sociolinguística, uma “fenomenologia do entre” que estudaria o engajamento intersubjetivo como o principal eixo de compreensão da experiência humana.

O interesse pela intersubjetividade em contextos psicoterápicos, pode ser ilustrado pelo célebre encontro entre Martin Buber (1878/1965) e Carl Rogers (1902/1987), em abril de 1957 (Holanda, 2018; Lima, 2008). Na conferência moderada por Maurice Friedman (1921/2012), encontramos um valioso registro histórico da convergência entre a Filosofia e a Psicologia na busca pela compreensão das facetas e dos mistérios do encontro dialógico e das peculiaridades da relação terapêutica. Desde então, as perguntas sobre o encontro psicoterápico ainda persistem e o interesse pelo espaço que constitui a díade terapeuta e cliente se solidificou na Psicologia como um importante eixo de pesquisa empírica (APA, 2006; Elkins, 2019; Parrow, Sommers-Flanagan, Cova & Lungu, 2019; Norcross & Lambert, 2018; Wampold, 2015). As investigações focadas na identificação e na compreensão dos processos psicoterápicos vêm buscando diferentes alternativas de mensuração e verificação empírica da relação terapêutica (Brum, Frizzo, Gomes, Silva, Souza & Piccinini, 2012).

Entretanto, a Psicologia vem incorrendo em semelhante erro histórico que é se limitar ao âmbito permitido por seu método. Carregada de uma tradição positivista, parece estar falhando na compreensão sobre o real significado daquilo que investiga. Como refere Amatuzzi (2009), “a ciência criou armas poderosas para a guerra, mas não disse qual o sentido de se guerrear” (p.94). A Psicologia vem criando medidas para quantificar o encontro psicoterápico, operacionalizadas por uma série de instrumentos de avaliação da relação terapêutica - também chamada de aliança terapêutica, vínculo e transferência (Pieta & Gomes, 2017) - porém vem oferecendo pouca atenção ao significado desta relação.

O estudo da relação terapêutica deve abarcar não somente a mensuração, mas também o aprofundamento e a compreensão da experiência que configura o encontro dialógico em psicoterapia. Bucher (1989) nos mostra que a fenomenologia, em diálogo com a Psiquiatria, lançou uma luz sobre essa temática, abordando os aspectos transcendentais da relação. Para o autor, a compreensão e a definição da ação psicoterápica dependem de duas esferas: a esfera ontológica do ser-no-mundo-junto-dos-outros-e-para-os-outros (esfera da comunicação existencial e da história vivencial); e a esfera ôntica do estar-no-mundo concreto (esfera do mundo objetivo, que envolve também os conhecimentos instrumentalizados em técnicas) (Bucher, 1989).

Inspirado nestes questionamentos, este trabalho tem como objetivo propor uma reflexão sobre a condição intersubjetiva e interpessoal dos processos psicoterápicos a partir das contribuições de pensadores contemporâneos da fenomenologia e teóricos das ciências humanas. Por abordar o campo da clínica e da psicoterapia - um campo distinto da Fenomenologia tradicional proposta por Husserl - o texto se apoia em teóricos contemporâneos da fenomenologia que vem nas últimas décadas produzindo um diálogo mais próximo com os campos da Psicologia e da Psiquiatria. Na articulação destes pensadores, busca-se explorar e aprofundar os dois eixos teóricos apontados por Bucher (1989) - esfera ontológica e esfera ôntica da relação terapêutica - que são fundamentais para a compreensão do encontro em psicoterapia.

Ser-Entre: A Condição Ontologicamente Intersubjetiva da Subjetividade

Existe uma grande diferença na definição e compreensão da subjetividade entre as diferentes correntes de psicoterapia (Amatuzzi, 2006). Cada modelo teórico advoga por escolhas conceituais diversas, o que acaba reforçando a fragmentação da Psicologia não só epistemologicamente, mas também nas suas bases investigativas e práticas. A condição intersubjetiva da subjetividade não é um consenso para os diferentes modelos psicoterápicos (Bucher, 1989; Soares, 2011), e nem tampouco é para a Psicologia. Pelo contrário, ao longo da história, a Psicologia foi associando a dimensão psicológica com as variáveis mensuráveis e observáveis do comportamento não dando espaço para o conceito de subjetividade e, quando o fazia, o atribuía a um domínio interno à pessoa (Feijoo, 2011; Figueiredo & Santi, 2008; Holanda, 2019; Rey, 2012).

No seu percurso histórico, como refere Feijoo (2011), a Psicologia partiu da referência de um “eu nuclear”, de uma concepção de um sujeito interiorizado, fazendo desta a tendência praticamente hegemônica para a fundamentação das teorias e práticas psicológicas. Ao se apoiar nas ciências empíricas e se estruturando a



partir de uma perspectiva positivista, passa a considerar como verdade sobre o “eu” aquilo que se apresenta como passível de comprovação empírica. As diferentes opções de explicação e mensuração reduziram este “eu” a uma estrutura biológica, cognitiva, comportamental ou mesmo linguística, fazendo da pesquisa e da prática psicológica um campo fragmentado e em constantes disputas.

As consequências da compreensão da subjetividade como individual, interna, intrapsíquica e privatizada (Feijoo, 2011; Figueiredo & Santi, 2008; Rey, 2012) foi uma ciência psicológica que acabou por reduzir a compreensão do “eu” aos seus próprios métodos e suas propriedades objetivas. Segundo Feijoo (2011), um dos pontos problemáticos dessa concepção de subjetividade é o fato de ter sido desconsiderada a articulação original e primeira entre o homem e o mundo. Por esta razão a autora afirma que a fenomenologia “traz consigo uma possibilidade de transformação da psicologia, uma vez que vê os fenômenos psicossociais como estruturados a partir da relação originária homem-mundo” (p. 410).

Para a fenomenologia a experiência humana nunca é puramente psíquica, nem exclusivamente interna e nunca acontece isolada da experiência dos outros; ou seja, para a fenomenologia a intersubjetividade é um princípio transcendental de fundamentação da própria subjetividade. Porém existem críticas com relação ao fato da fenomenologia tomar como ponto de partida a perspectiva em primeira pessoa, produzindo uma assimetria entre o eu e o outro. Marková (2017^a), por exemplo, afirma que “a maioria dos fenomenologistas descreve a experiência subjetiva dos fenômenos (ou objetos) do ponto de vista da primeira pessoa”, ou seja; tentam “capturar o mundo-da-vida como aparece para cada indivíduo em e por diferentes estruturas da consciência ou pelos conteúdos da consciência” (p.102).

Em resposta a este tipo de crítica, Zahavi (2019), teórico de inspiração husserliana, refere que a tradição fenomenológica nunca subestimou o significado filosófico da intersubjetividade; ao contrário, segundo o autor, foi Husserl (1859-1938) quem atribuiu um papel decisivo e central a esfera do “entre” como nenhuma outra corrente filosófica. Segundo o autor, a fenomenologia rompe justamente com a ideia de que a subjetividade é apenas um problema “de minha autoconcepção”. Para o autor, a subjetividade precisa ser compreendida como ancorada corporalmente em um contexto social: “o mundo não tem como ser cindido nem da subjetividade nem da intersubjetividade, e a tarefa da fenomenologia consiste precisamente em pensar mundo, sujeito e intersubjetividade em seu nexos abrangente” (Zahavi, 2019, p.45)

Nos textos de Zahavi (2014^a; 2019), a temática da empatia aparece como um dos conceitos husserlianos que possibilita este “nexo abrangente” entre mundo, sujeito e intersubjetividade tão importantes para uma psicologia que se proponha de base fenomenológica. Zahavi (2014^a) retoma os textos de Husserl (1859-1938), Stein (1891-1942) e Scheler (1874-1928) demonstrando que, apesar de existirem diferenças significativas entre esses pensadores, é possível reconhecer uma concordância na ênfase dada à empatia como uma condição intersubjetiva do ser. Com base nestes precursores do pensamento fenomenológico, o autor afirma que a empatia é entendida como uma sensibilidade básica para a mentalidade dos outros; ou seja, ela nos oferece uma possibilidade de compreensão experiencial mais específica da vida psicológica do outro.

Um dos grandes erros da psicologia tem sido igualar a relação humana ao tipo de relação que temos com as coisas, ou até mesmo ao tomar o outro como coisa. Na relação com outra pessoa se estabelece algo muito diferente daquela estabelecida com os objetos, pois a nossa percepção do outro-pessoa é muito diferente da nossa percepção comum dos objetos. Quando eu me relaciono com uma outra pessoa, eu não estou experimentando uma relação de igual medida à uma relação que eu estabeleceria com os objetos psicofísicos no mundo. Na minha relação com outra pessoa eu experimento uma relação com alguém que também, ao mesmo tempo, experimenta uma relação com outros objetos psicofísicos e com outras pessoas, incluindo a relação que ela experimenta comigo. Na relação que experimento com ela eu mesmo já estou incluído na experiência dela com o mundo. Em outras palavras, o outro nunca será dado a mim de forma pura e isolada – não é possível falar de uma “pureza” do outro. Ao contrário, como refere Zahavi (2014^a), o outro é dado como intencional, direcionado para o mesmo mundo que eu.

Desta forma, quando eu me relaciono com outra pessoa, o mundo dela e os objetos que existem para ela, são fornecidos a mim junto com ela. Isso modifica tudo, pois revela que é impossível nos relacionarmos com os outros de forma neutra, pois na origem, na raiz da relação já estamos ambos vivenciando um mundo que implica originariamente a relação entre-nós-dois. Ao retomar o conceito de “consciência estrangeira” de Husserl (1859-1938) Zahavi (2014) afirma que esta é uma forma distinta de intencionalidade dirigida pelo e para outro; distinta tanto da autoconsciência quanto da intencionalidade objetal comum, que permite, portanto, que experiências estranhas se revelem como estranhas ao invés de próprias:

Contraste com isso uma situação onde um casal está assistindo um filme juntos. Não apenas cada um deles percebe e aproveita o filme, mas eles também experienciam que o outro está atento a e aprecia o filme, que é algo que afeta a estrutura e qualidade de seu próprio apreciar. Em resumo, o que indivíduos sentem quando eles fazem isso juntos não é independente da relação que eles têm um com o outro. Nós estamos lidando com experiências emocionais que, antes do que serem meramente independentes uma da outra, são co-reguladas e constitutivamente interdependentes. (Zahavi, 2014b, p.158)

Outro aspecto importante para se pensar a relação com o outro - que difere da relação com as coisas - é



que, por meio da experiência com os outros, posso precisamente chegar a uma nova experiência de mim mesmo, posso passar a compreender aspectos antes incompreendidos em relação a mim mesmo e, assim, passar a me ver de uma forma articulada com a forma que os outros me veem. Como refere Zahavi (2014a), nessa medida, a empatia pode contar como uma importante fonte de autoconhecimento. O outro sempre me é dado em uma situação ou contexto significativo que aponta para um novo centro de referência. O significado que o mundo tem para o outro, a vida psicológica do outro, afeta o significado que o mundo tem (ou terá) para mim, e esta sensibilidade básica nos é dada pela empatia. Sobre isso o autor refere: “a empatia é a experiência da mente corporificada do outro, uma experiência que, em vez de eliminar a diferença entre a experiência do eu e a experiência do outro, considera a assimetria um fato existencial necessário e persistente”¹ (Zahavi 2014a, p.138).

A empatia parece então produzir uma transformação tanto do eu quanto do outro, pois, por meio dela, nem eu e nem a pessoa somos mais aquelas mesmas que chegaram na relação. Eu experimento o mundo por meio do mundo experimentado pelo outro (que inclui a mim mesmo) e o outro experimenta um mundo experimentado por mim. Em vista disso, na relação, forma-se algo que nunca havia existido antes, algo novo, um terceiro, o entre-nós-dois (Messas & Fukuda, 2018; Rieg, 2008; Zayed, 2008). É no espaço do encontro e da presença recíproca que nos constituímos como seres humanos. Como refere Rieg (2008) “a categoria do entre não é algo do Eu, nem é a própria subjetividade ou a subjetividade do outro, ela é o que está entre os dois. É o espaço ontológico do encontro original” (p.83).

Estar-Entre: A Condição Intersubjetiva e Interpessoal da Relação Terapêutica

O conceito de intersubjetividade como um princípio transcendental de fundamentação da subjetividade nos revela que a experiência não pode ser entendida como puramente psíquica, nem interna e nem tampouco isolada da experiência dos outros. A pessoa nunca pode deixar de “ser relação”; entretanto, no sentido ôntico, ela pode “estar” ou “não estar” em relação. Este encontro interpessoal, concreto e material com o outro é uma realidade sempre presente na psicoterapia e é sobre esse estar-entre que versa essa terceira seção do artigo.

Se reconhecemos que a relação terapêutica é uma relação entre duas pessoas e não uma relação entre pessoa-objeto, então, necessariamente, devemos abordar a temática como se constituindo em um campo de relação entre “subjetividades” - subjetividades estas, como vimos anteriormente, ontologicamente intersubjetivas. Nesta seção, que discute mais especificamente o campo psicoterápico, temos agora introduzido um novo elemento: o espaço do entre-os-dois. A psicoterapia se constitui no espaço que coloca duas pessoas (ou duas subjetividades) em um mesmo contexto e visando um objetivo e objeto específico (psicoterápico) que as une naquele tempo e espaço singular onde se encontram terapeuta e cliente.

Um dos grandes equívocos no estudo e na prática psicoterápica foi tomar o encontro psicoterápico em apenas uma direção (Jardim, Souza & Gomes, 2009). Rompendo com esta tradição, Bucher (1989), logo no início da obra, define a relação terapêutica como um vínculo entre duas pessoas, reunidas com um intuito muito peculiar que se refere ao ato de exercer um efeito benéfico sobre uma queixa trazida por um dos protagonistas. Esta ação se dá, segundo o autor, mediante a utilização de certas técnicas e por meio da transmissão de certos poderes. A relação terapeuta-cliente para ele, não é uma relação objetiva ou causal, mas sim uma relação interpessoal de significações que envolve a participação de ambos.

A maioria das abordagens psicoterápicas são predominantemente monológicas ao invés de dialógicas. A interação dos agentes envolvidos na relação não parece ser o foco de compreensão e análise do processo terapêutico (Jardim, Souza & Gomes, 2009; Soares, 2011); pelo contrário, na maioria das abordagens o terapeuta é considerado o principal agente, conhecedor e possuidor de uma função terapêutica que se dirige na direção da pessoa doente (portadora de uma patologia), excluindo-se assim a reciprocidade da relação terapêutica (Bucher, 1989). Essa percepção do encontro psicoterápico exclui a condição intersubjetiva de toda a relação interpessoal. Excluir o elemento da reciprocidade significa ignorar os elementos constitutivos das relações interpessoais, o espaço do “entre” tão bem explorado por teóricos da fenomenologia e das ciências humanas e sociais (Jovchelovitch, 2004; Marková, 2017a; Mascolo & Kallio, 2020).

Como nos mostra Jovchelovitch (2004), o espaço do “entre” é justamente o foco do estudo de uma psicologia que se pretende crítica, social e dialógica. Para a autora os conceitos e categorias historicamente constituídas pela psicologia - como a categoria do “eu”, por exemplo - se apresentaram como unidades, como todos, como realidades acabadas e fechadas. Ao escavarmos a superfície destas supostas realidades fechadas, surgem redes móveis e complexas de relações, cuja natureza necessita ser investigada e descrita. Estas redes de relações são o que a autora chama de “espaço do entre”.

Jovchelovitch (2008) refere que o legado dessa concepção que coloca o “entre” como objeto central do estudo e da investigação da Psicologia Social, deve muito à tradição fenomenológica. Ao teorizar sobre o campo das representações sociais, proposta por Serge Moscovici (1925-2014), a autora reconhece que toda a teorização presente na Psicologia Social, de que somos seres históricos, de que partimos da pertença e não do conhecimento, se deve ao legado da fenomenologia que trouxe o mundo como um elemento constitutivo do ser:

¹ Texto original “Empathy is the experience of the embodied mind of the other, an experience which rather than eliminating the difference between self-experience and other-experience takes the asymmetry to be a necessary and persisting existential fact” (Zahavi 2014a, p.138).



Como Foucault notou em certa ocasião, é impossível entender o pensamento francês sem compreender a recepção da fenomenologia na França (Foucault, 1991). Os fenomenólogos mostraram que antes mesmo de podermos pensar em conhecer nós pertencemos: nós partimos da pertença, não do conhecimento. Pertencemos a uma cultura, a uma sociedade, a uma família, a um tempo histórico, e esta pertença configura o conhecimento que construímos desde o início (Jovchelovitch, 2008, p.91).

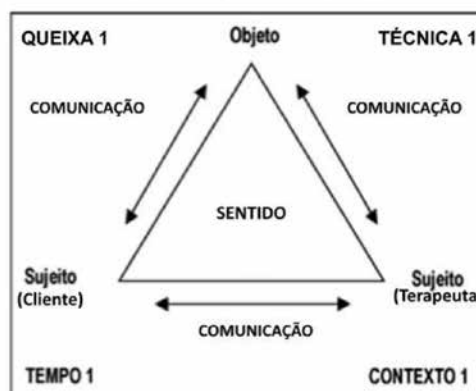
O espaço do entre deve ser pensado a partir de alguns elementos constitutivos (Jovchelovitch, 2004) que evidenciam o fato de que as relações se dão sempre em um tempo específico (um tempo histórico/social), em um contexto específico e por meio de uma ação comunicativa, onde duas ou mais pessoas negociam representações e sentidos sobre o mundo. Assim como Jovchelovitch (2004), Jodelet (2009), ao discorrer sobre a esfera da intersubjetividade, nos mostra que a relação entre duas pessoas “remete às situações que, em um dado contexto, contribuem para o estabelecimento de representações elaboradas na interação entre os sujeitos” (p.697). A troca dialógica é o que possibilita a construção de um saber, de um sentido e de uma experiência sobre os fenômenos.

Nos voltemos novamente para o campo psicoterápico, este espaço potencial de relação humana, interesse central deste texto. Podemos dizer que, como em qualquer outra relação, a psicoterapia também se dá neste espaço do entre. A psicoterapia é um tipo de relação que acontece em um tempo específico, num contexto específico e por meio da comunicação. Entretanto, há algo bastante peculiar sobre esse espaço potencial de relação humana. Como foi referido anteriormente, no caso da psicoterapia, a relação se estabelece com um intuito bastante específico: exercer um efeito benéfico sobre uma queixa, um sofrimento experienciado por um dos protagonistas (Bucher, 1989; Zayed, 2008).

Outro elemento também peculiar do encontro psicoterapêutico é que esse estabelece-se por meio de uma base teórica e técnica (seja ela diagnóstica, psicodinâmica ou compreensiva), perspectivada por uma epistemologia, que direciona a relação e promove uma negociação de sentidos. No contexto psicoterápico, cliente e terapeuta negociam sentidos sobre o sofrimento psíquico, sobre a história de vida, sobre o rumo da relação e sobre as possibilidades de mudança. Conforme Angus, Levitt & Hardtke (1999) na psicoterapia existe um movimento de coprodução de sentidos em que cliente e terapeuta transformam os eventos da vida cotidiana em uma história significativa que tanto organiza quanto representa o senso de identidade do cliente e dos outros no mundo.

Para ilustrar a peculiaridade do encontro psicoterápico, a figura 1 - adaptada a partir das reflexões de Jovchelovitch (2004) e acrescidas de reflexões teóricas de Jodelet (2009) e Bucher (1989) - aponta para os elementos constitutivos da relação terapêutica. Para compreender os contextos e processos psicoterápicos parece ser essencial pensar nesses elementos constitutivos do estar-entre, que são: intersubjetividade; empatia; comunicação; técnica; queixa; historicidade; temporalidade e sentido.

FIGURA 1:
ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA RELAÇÃO TERAPÊUTICA
 Ilustração adaptada de Jovchelovitch (2004)



Tempo e Contexto: Esfera transubjetiva (Jodelet, 2009) e Fundo Antropológico (Bucher, 1989)

Para definir um encontro psicoterápico é preciso reconhecer que este acontece motivado por uma queixa (queixa 1, conforme ilustrado na figura 1). Apesar dessa queixa ser trazida por um dos protagonistas da relação (cliente) ela já é, desde cedo, experienciada por ambos (terapeuta e cliente). Desde o primeiro momento do encontro psicoterápico se inicia uma partilha de experiências que são então vividas entre subjetividades (sujeito-sujeito). Não se trata do encontro de duas subjetividades autônomas, subsistentes em si mesmas, numa relação de influência; trata-se de algo que está entre-os-dois e que visa um objeto comum (objeto correlato intencionado). O triângulo (centro da figura 1) sujeito-sujeito-objeto, ilustra a dimensão intersubjetiva - intersubjetividade - em que o outro é dado como intencional, direcionado para o mesmo mundo que eu.

No contexto psicoterápico, sujeito e sujeito, como aparece na base da ilustração, são sujeitos intencio-



nais direcionados para o mesmo objeto-mundo. Estando os dois em relação (sujeito-terapeuta e sujeito-cliente) compartilham um com o outro o mundo e criam, de forma recíproca, um *sentido* sobre aquela experiência, sobre aquela história, sobre aquela queixa, sobre aquele sofrimento, sobre aquele objeto-mundo. Embora terapeuta e cliente não vejam o objeto “através dos olhos” um do outro²; o que vêem “juntos” é parte da experiência que cada um tem sobre a situação. Por meio da *empatia*, do reconhecimento da estranheza do outro, é que se estabelece um entre-os-dois capaz de coproduzir sentidos sobre o objeto intencionado.

O que originalmente motivou o encontro psicoterápico, já não tem mais o mesmo sentido trazido antes do encontro. Os sentidos que uma pessoa elabora sobre o seu eu e sobre o mundo é oriundo de um sistema que, além de pré-consciente e conceitual, também é experiencial (Angus, Levitt & Hardtke, 1999). No contexto psicoterápico estes sentidos são construídos e acessados por memórias significativas, pela articulação de experiências e eventos do presente e do passado, bem como na geração de novos significados experienciais e conceituais co-produzidos e partilhados no espaço psicoterápico. O que se produz no contexto psicoterápico - por exemplo, o exercício de melhor compreender o sofrimento - não partirá de um (terapeuta) ou de outro (cliente), mas sim desde o “entre”, espaço onde terapeuta e cliente “interagem e engajam em atividades colaborativas com objetivos comuns e atenção compartilhada” (Zahavi, 2014b, p.160).

A tentativa de compreensão do outro por parte do terapeuta - ou mesmo por parte de ambos, porque o cliente, para se fazer compreender, também busca compreender o terapeuta - se baseia em outros recursos que não só a empatia. Como o próprio Zahavi (2014a) pontua, se quisermos descobrir por que alguém está se sentindo da maneira que se sente, ou por que alguém está agindo da maneira que está agindo, precisamos considerar o contexto social, cultural e histórico mais amplo, e esse entendimento, segundo o autor, não é fornecido exclusivamente pela empatia, mas também pela *comunicação*.

A partilha psicoterápica é mediada pela comunicação que funciona como uma espécie de motor dessa relação, que vai estabelecendo um novo sentido sobre a experiência - sentido este construído e vivenciado por ambos, terapeuta e cliente. Esta comunicação não se restringe ao conteúdo verbal, ela inclui elementos não verbais, afetivos e corporais (expressão facial, sorrisos, olhares, postura emocional, tempo e duração da fala e, inclusive, silêncios).

No processo comunicacional que vai sendo construído na sessão terapêutica, cliente e terapeuta transformam os eventos da vida cotidiana em uma história significativa que tanto organiza, constrói e representa o senso de identidade do cliente, quanto configura o sentido que é dado sobre o mundo (Angus, Levitt, & Hardtke, 1999). No processo psicoterápico, terapeuta e cliente trabalham juntos para a formação de um *self* coerente e produzem, no exercício da interação, uma articulação, elaboração e transformação da macronarrativa do cliente. A macronarrativa é a teoria que a pessoa tem sobre o seu eu (*self*) e sobre o mundo (Aleixo, Pires, Angus, Neto, & Vaz, 2021) e que vai se reafirmando ou se transformando à medida que terapeuta e cliente conversam e negociam sentidos sobre a história do cliente.

A compreensão do processo psicoterápico deve necessariamente passar pela compreensão do desenvolvimento das micronarrativas que acontecem na relação terapêutica. As micronarrativas, por sua vez, devem ser descritas e relacionadas a esta estrutura macronarrativa na qual os eventos singulares que acontecem em uma relação terapêutica (micronarrativas) passam a ser articulados, vivenciados e ligados entre si de tal forma que o sentido do cliente sobre sua vida e sua história - em essência, o sentido do *self* - pode ser transformada a partir do diálogo co-construído com o terapeuta (Aleixo, et al., 2021). A psicoterapia envolve este processo de análise reflexiva das experiências e das circunstâncias relacionadas ao que aconteceu, de modo que uma nova compreensão ou história possa ser formada, que tanto apoia ou desafia o sentido implícito que o cliente tem sobre si mesmo e sobre os outros e que sublinham a narrativa dominante (Angus, Levitt, & Hardtke, 1999).

No encontro terapêutico as pessoas reconhecem suas diferenças (alteridade) e, mediadas pelo diálogo formam o espaço do entre, do “nós”, onde experimentam um fluxo de consciência que agora abrange os dois (Zayed, 2008). Terapeuta e cliente selecionam suas palavras a partir do que foi compreendido pelo outro e com uma referência intencional ao contexto de significado do outro. Segundo Zayed (2008) é uma interação dinâmica, influenciada em seu processo pelas memórias do que foi dito e as antecipações daquilo que ainda será dito. Não se trata de algo exclusivamente apreendido por meio da dimensão reflexiva - apesar desta ter importância crucial no processo -, mas sim daquilo que é vivido na experiência que estes estão tendo juntos. Como refere Fuchs (2013) existe uma autoridade de primeira pessoa em relação à experiências. Entretanto, a forma e o significado desses sentimentos vividos pelo cliente como “seus” depende também de um contexto compartilhado. Segundo o autor, compartilhar e nomear experiências mentais é um pré-requisito para conhecer explicitamente a própria experiência. A autoconsciência explícita ou reflexiva é também constituída por meio da intersubjetividade, pois pressupõe uma percepção e adoção do olhar do outro sobre mim. Então,

² Para melhor compreensão das diferenças entre a visão fenomenológica de empatia e a visão sociocognitiva, e de como o conceito de empatia foi incorporado pela psicologia, sugere-se consultar Zahavi, D. (2014a). *Empathy and other-directed intentionality*. *Topoi*, 33(1), 129-142. Neste texto Zahavi busca explorar como os fenomenologistas oferecem uma análise da estrutura intencional da empatia que difere das definições psicológicas contemporâneas do conceito, como por exemplo a definição de “espelho do outro”. Esta ideia de ver “através dos olhos do outro”, segundo o autor, é equivocada pois, na verdade, o que define a empatia é exatamente o fato da experiência empatizada ser dada como pertencendo ao outro, diferente de mim. É precisamente por causa dessa diferença, dessa assimetria, que a empatia pode se manifestar: “(...) for the phenomenologists empathy is quite generally the term of choice for the experience of foreign consciousness. It is a distinctive form of other-directed intentionality, distinct from both self-awareness and ordinary object-intentionality, which allows foreign experiences to disclose themselves as foreign rather than as own” (p.138).



o que por vezes pode parecer um diálogo interno é originariamente constituído e derivado da interação com o outro (Fuchs, 2013).

Por meio dessa comunicação forma-se algo inteiramente novo, próprio daquela relação; algo que nunca havia existido antes. Nas palavras de Messas e Fukuda (2018) forma-se um “terceiro dual”. Os autores fazem referência ao terceiro dual para ilustrar essa terceiridade essencial, que não é nem a subjetividade do paciente, nem a do clínico. Para os autores trata-se de uma dualidade, que se constitui de partes componentes de cada experiência de forma a estabelecer essa terceiridade essencial. O cliente experimenta o mundo por meio do mundo experimentado pelo terapeuta e vice-versa. Essa reciprocidade permite uma nova experiência que aponta para um novo centro de referência (um novo sentido) que, por sua vez, acontece em um contexto e um tempo histórico-social específico.

A dimensão da *historicidade* (ilustrada na figura 1 por um quadrado que circunda o triângulo), representa as condições de possibilidade desse estar-entre. Na base desse espaço circundante temos ali descritas as palavras “tempo 1” e “contexto 1” que nos remetem a este elemento fundamental do encontro psicoterápico que é a historicidade. A relação sempre se dá num tempo histórico social e num contexto específico, que só acontece ali, entre aquelas duas pessoas. Jodelet (2009) chama isso de campo transubjetivo, que se associa diretamente ao que Bucher (1989) chama de fundo antropológico.

Os elementos tempo 1 e contexto 1 (que aparecem na base da figura 1) nos lembram dessa condição de possibilidade que determinado tempo histórico oferece para o encontro psicoterápico. Estes elementos nos lembram também de que não há objetividade ou neutralidade no processo clínico, pois este tem sempre um pano de fundo histórico e antropológico (Bucher, 1989) e sociopolítico, uma vez que a tanto a prática como a pesquisa clínica e psicoterápica são sempre conduzidas em ambientes específicos e sob o jugo de instituições, papéis e categorias sociais de pertencimento (Barker, Pistrang & Elliott, 2015).

O fundo antropológico, para Bucher (1989), é o conjunto de representações, expectativas, crenças e atitudes que se manifestam numa relação terapêutica. A análise da relação terapêutica é necessariamente uma análise que deve partir de uma perspectiva da antropologia cultural e crítica (representações e fantasias que impregnam as interações entre terapeuta e cliente). O conceito de transubjetividade para Jodelet (2009), que corrobora com as reflexões de Bucher (1989), se refere a tudo que é comum aos membros de um mesmo coletivo e é resultado da nossa interpretação do mundo oferecida pelo aparelho cultural. A cultura nos “oferece os critérios de codificação e de classificação da realidade, os instrumentos mentais, os repertórios que servem para construir as significações partilhadas e constitui o pano de fundo que permite a intercompreensão” (Jodelet, 2009, p.698).

A mediação linguística é parte dessa comunicação e deve ser pensada em um nível cultural e simbólico, em que nossas interações sociais são mediadas por sistemas de significado linguístico. Mascolo e Kallio (2020) apontam para o fato de que a nossa capacidade de entrar no mundo experiencial de outros é mediada pela habilidade de representar os estados de si e dos outros em termos léxicos psicológicos historicamente evoluídos. A síntese intersubjetiva é um dos acessos possíveis para a compreensão e experiência de algumas emoções. Segundo os autores, a nossa capacidade de experimentarmos a dor, a alegria ou o ciúme, e a possibilidade dessas experiências serem inteligíveis, pressupõe um quadro de referência interexperencial. O conhecimento psicológico não é um produto exclusivo do exame da experiência privada nem interna (Mascolo & Kallio, 2020); por isso a investigação psicológica poderia também estar direcionada para a compreensão do sentido produzido pela relação interpessoal e interexperencial que acontece no exercício interativo da comunicação em um contexto histórico-social específico.

Na psicoterapia os critérios de codificação e de classificação da realidade também estão presentes no âmbito da *técnica* e da *queixa* (ilustradas no topo da figura). O elemento da técnica se refere ao modelo teórico-prático que orienta o terapeuta e que consequentemente irá diferenciar o encontro psicoterápico de um encontro interpessoal corriqueiro. No entorno das cadeiras que colocam cliente e terapeuta frente a frente, ou no ato de deitar-se em um divã, existe uma forma de compreender e de lidar com a queixa expressa. O encontro psicoterápico está sempre mediado pelos pólos do saber técnico e do encontro humano e estes configuram não só o diálogo e a troca comunicacional, mas a forma de compreender o sofrimento humano. Como refere Bucher (1989), “para que a psicoterapia seja humana e proporcione um trabalho de certa eficácia, não pode ser nem mera técnica, nem mero exercício fusional, mas deve situar-se entre os dois pólos, aqueles do saber e do ser-no-mundo” (Bucher, 1989, p.41)

Não há como negar o elemento da técnica em psicoterapia, porém, como nos mostra Feijoo (2004) esta pode ser compreendida tanto por uma perspectiva pragmática - como um “manejo” para atingir um fim ou resultado-; como no sentido grego de *téchne*, de “levar à frente” ou “ato de produzir”: Tanto a técnica, no sentido moderno, quanto a *téchne* constituem-se como saber e fazer; “mesmo porque qualquer saber que desvele sentido já se constitui em uma dimensão pragmática. E toda e qualquer prática pressupõe uma compreensão prévia, mesmo que ainda não tematizada” (Feijoo, 2004, p.88).

Dessa forma, a troca dialógica que acontece no contexto psicoterápico não é uma troca dialógica desinteressada, nem tampouco simétrica. Ela sempre se constitui invariavelmente de representações específicas de sofrimento e de terapêuticas ditadas por uma época - o como saber e fazer, apontados por Feijoo (2004). São estes “como saber” e “como fazer” que vão definir o pólo técnico - ou *téchne* - do processo psicoterápico. Por



mais que se fale sobre uma suposta neutralidade do terapeuta, sabe-se que é impossível que este se relacione com o cliente de forma neutra, pois na origem, na raiz da relação, ambos estão vivenciando um mundo que já implica não só a relação entre-os-dois, mas também a relação com estes “saber” e “fazer”. São também estes repertórios socioculturais relacionados à saúde mental que dão origem a tipos específicos de queixas, que por sua vez, legitimam tipos específicos de terapêuticas, de práticas e técnicas psicoterápicas.

Partindo da premissa de que a intersubjetividade é o solo sobre qual são elaboradas as diversas interpretações do mundo da vida cotidiana, para a fenomenologia a doença, antes de ser um fenômeno de *disease* ou de *illness*, é originalmente *sickness* (Alves, 2006). Isso quer dizer que a doença é um fenômeno que diz respeito a um conjunto de elementos socioculturais que estão interligados entre si. *Sickness* refere-se ao “mundo da doença”, isto é, a um horizonte de significados, condutas e instituições associadas à enfermidade ou ao sofrimento (Alves, 2006).

Corroborando com esta visão, Teixeira (2014) refere que todas as formas de sofrimento envolvem a história pessoal (subjetividade), estando esta mergulhada em relações interpessoais significativas (intersubjetividade), que, por sua vez estão, imersas nos contextos sociais, culturais e políticos (transsubjetividade) da situação em que se desenvolve a existência individual. Para o autor, reduzir os problemas com o viver em uma compreensão exclusivamente neurobiológica, por exemplo, impede a compreensão do sentido biográfico do sofrimento humano. Ao se referir à psicopatologia, e inspirado em Jaspers (1883/1969), traz também para o campo psicoterápico a dimensão da historicidade como um componente essencial para a investigação e intervenção em psicoterapia. Teixeira (2014) refere que é preciso “colocar em primeiro lugar os aspectos hermenêuticos e éticos, dando a necessária relevância aos valores, à compreensão das relações interpessoais e às bases éticas e políticas da prestação de cuidados de saúde” (p.78).

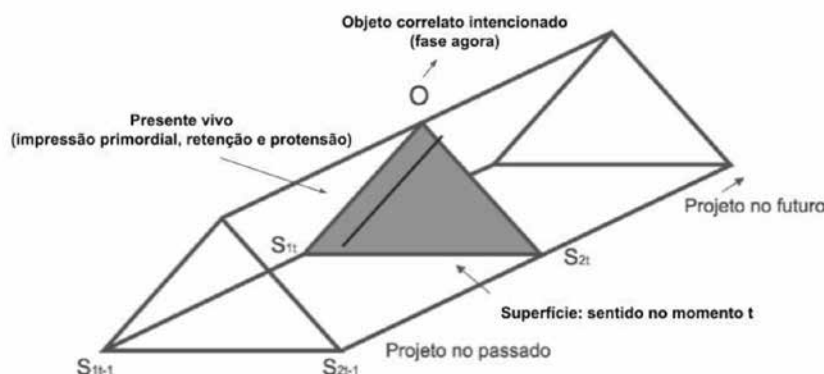
Um outro elemento do estar-entre ainda não explorado e nem tampouco ilustrado na figura 1, é a *temporalidade*. Na relação terapêutica, a dialogicidade acontece permeada pelas dimensões do tempo (passado, presente e futuro), numa espécie de um diálogo que é ao mesmo tempo interno/individual - experienciado por cada um dos protagonistas envolvidos na relação - e interpessoal/interexperencial - experienciado juntos.

Ao analisar a estrutura narrativa e temporal presente nos processos psicoterápicos, Angus, Levitt e Hardtke (1999), referem que inicialmente cliente e terapeuta se concentram na lembrança de eventos passados e na descrição de eventos atuais e experiências imaginadas, a fim de preencher as lacunas do que foi esquecido ou nunca totalmente reconhecido e/ou compreendido. A partir dessa busca por uma reconstrução da história passada, cliente e terapeuta empreendem um desdobramento e exploração detalhados das percepções, sensações, emoções e pensamentos associados a estes eventos, de modo que as experiências vividas possam ser articuladas pela primeira vez. Os autores reforçam que o principal objetivo da psicoterapia - facilitado pela relação terapêutica - envolve uma análise reflexiva das experiências e circunstâncias relacionadas “ao que aconteceu” para que esta possa ser transformada pelo encontro terapêutico.

A figura 2 - adaptada de Marková (2017b) - aponta para este elemento da *temporalidade* na psicoterapia, em que essa dimensão transversal entre o passado, o presente e futuro que permeiam as vivências intersubjetivas e interpessoais é ilustrada. O triângulo de interação do estar-entre, anteriormente apresentado na figura 1, ganha então uma construção alongada que busca representar este processo temporal dinâmico e infinitamente aberto da existência. Como complemento às reflexões de Marková (2017b), a figura 2 também ilustra o conceito de *fluxo absoluto* de Husserl (1859-1938). Segundo Thomé (2015) a segunda fase das teorizações sobre a temporalidade - 1907 a 1917 - conduziram Husserl à descoberta do *fluxo absoluto* e seus modos de consciência próprios, que são: impressão originária (ou primordial), retenção e protensão.

FIGURA 2: DIMENSÃO TEMPORAL DA RELAÇÃO TERAPÊUTICA

Ilustração adaptada de Marková (2017b)



A experiência imediata do tempo, conforme Sokolowski (2012), pode ser descrita pelo termo presente vivo, que significa a completa experiência imediata de temporalidade que temos em algum instante (representados na figura pelo triângulo de cor acinzentada). Porém, ao lidarmos com o tempo, não podemos defini-lo



como um ponto momentâneo e atômico, presente sem qualquer relação com o passado rudimentar e o futuro rudimentar. O presente vivo é uma espécie de “todo temporal” em algum instante (o ponto) que é composto pelos três momentos: impressão primordial, retenção e protensão (Sokolowski, 2012). A *retenção* aponta para o passado, retém o presente vivo decorrido, ou seja, a experiência de uma temporalidade decorrida. A *protensão* nos dá o sentido primeiro e original de “algo chegando”, uma espécie de abertura para o que está vindo. Esse presente vivo decorrido é ele mesmo constituído de uma *impressão primordial*, ou seja, nunca temos um presente vivo atomizado, porque do momento retencional do presente vivo “sempre tem um rabo de cometa de presentes vivos decorridos, com suas retenções, que o acompanham” (Sokolowski, 2012, p.148).

O processo psicoterápico acontece neste fluxo absoluto e dinâmico entre “algo que já passou” e “algo que está chegando” e visa, ao fim e ao cabo, produzir uma abertura para o que está vindo. Na psicoterapia uma queixa, ou um evento, ou um sentimento quando narrado, configura-se como uma tentativa de produzir sentidos, significações para o mundo e para a própria história. Fazendo uma correlação com os elementos da figura 2, no *presente vivo* (ou *momento t*) o cliente tenta mostrar ao terapeuta - por meio de detalhes descritivos e específicos - a cena, o cenário e as ações decorrentes de um evento passado. Esta descrição, apesar de narrada como uma memória fiel de fatos ocorridos, carrega uma experiência retencional e protensional que torna o momento presente um ponto-fonte que põe em movimento o contínuo de modificações de passado e futuro (Thomé, 2015).

Na psicoterapia existencial, por exemplo, enfatizam-se - por meio da relação presente - as dimensões histórica e de projeto que estão diretamente relacionadas à dimensão temporal. Para Teixeira (2006), o que caracteriza a existência individual é o “ser que se escolhe a si-mesmo com autenticidade, construindo assim o seu destino, num processo dinâmico de vir-a-ser” (Teixeira, 2006 p.290). Essa escolha autêntica envolve tanto o futuro quanto o passado formando uma combinação de realidades/capacidades e possibilidades/potencialidades, que estão “em aberto” (projeto). É no diálogo com o terapeuta que o cliente tenta dar sentido às suas experiências passadas explorando as expectativas, necessidades, motivações, antecipações e crenças sobre si, os outros e o mundo. Segundo Angus, Levitt, e Hardtke (1999), é no contexto do processamento reflexivo das experiências atuais e passadas que cliente e terapeuta começam a coproduzir uma estrutura significativa de compreensão - ou uma reformulação macronarrativa - que busca organizar de forma coerente um entendimento das experiências atuais e passadas, acompanhadas também da consciência do futuro.

Tendo abordado os oito elementos constitutivos da relação terapêutica - intersubjetividade, empatia, comunicação, técnica, queixa, historicidade, temporalidade e sentido - que nos levam a compreensão da condição intersubjetiva e interpessoal dos contextos e processos psicoterápicos, passemos agora para a discussão sobre uma prática investigativa e clínica pautada nesse ser-e-estar-entre.

Por Uma Prática Investigativa e Psicoterápica Pautada no Ser-e-Estar-Entre

As reflexões sobre a condição intersubjetiva e interpessoal da relação terapêutica são fundamentais para a compreensão dos processos clínicos. No entanto, a construção de um modelo compreensivo para a psicoterapia, como proposto neste texto, pode despertar no leitor questionamentos sobre as possibilidades investigativas e práticas que tenham a intersubjetividade no centro de sua análise. Esta é sempre uma demanda presente na psicologia, “como fazer”, “como pesquisar” e o “como atuar” em clínica:

Produzir investigação fenomenológica em psicologia ou em psicoterapia não é o mesmo que realizar investigação filosófica. Podem levar-se a cabo investigações filosóficas nestas áreas, mas a aplicação do método fenomenológico a estas ciências humanas requer adaptações, visto estas últimas terem um objeto de estudo, um contexto, uma comunidade e uma linguagem próprias, diferentes da filosofia (Giorgi & Sousa, 2010, p. 18).

Nas últimas décadas, as três orientações psicoterapêuticas mais conhecidas (psicanalítica/psicodinâmica, humanista/existencial e cognitivo-comportamental) se afastaram das suas origens conceituais e teóricas e se aproximaram umas das outras na direção de um reconhecimento da importância da relação terapêutica (Zayed, 2008; Norcross & Lambert, 2018). Porém, apesar de existir um movimento integrado no sentido de conceituar a psicoterapia como um fenômeno intersubjetivo e dialógico, Zayed (2008) afirma que ainda temos muito que caminhar em termos de pesquisa. Uma das questões que está em jogo é como unificar a tradição investigativa da fenomenologia - que tradicionalmente tomou a experiência subjetiva como centro - com o interesse investigativo sobre o que se passa “entre” duas pessoas - a experiência compartilhada (Zayed, 2008).

No diálogo com os campos da Psiquiatria e da Psicologia, a fenomenologia, por tradição, sempre esteve interessada em estudar o significado da experiência vivida. A pesquisa de base fenomenológica optou pelo uso de instrumentos de investigação de cunho hermenêutico e compreensivo, sendo a entrevista qualitativa uma das técnicas mais comumente utilizadas por pesquisadores do campo (Elliott, 2010; Zayed, 2008). Mais especificamente no âmbito da clínica e da psicoterapia, a investigação fenomenológica abarca quatro abordagens principais: modelo empírico-fenomenológico, teoria fundamentada, abordagens hermenêuticas e análise fenomenológica interpretativa (Barker, Pistrang & Elliott, 2015). Nestas abordagens a relação inter-



subjetiva e interpessoal não é tomada como centro da análise investigativa; ao contrário, o foco é a percepção e a experiência das pessoas envolvidas “na” relação terapêutica. Em contrapartida, outras tradições em pesquisa, como por exemplo, o construcionismo, se concentram nos elementos interacionais - não só na forma como a linguagem é utilizada nestas interações, mas também como esta é afetada pela cultura, história e estrutura social (Barker, Pistrang & Elliott, 2015).

Como foi visto anteriormente, a psicoterapia não é a exploração de subjetividades únicas e privadas, e o seu significado não é um objeto interno determinado e residindo na mente de quem fala. Se o sentido do processo psicoterápico é compartilhado e reside no diálogo, a pesquisa deste fenômeno não poderia estar distanciada desse interesse. Para Zayed (2008), a natureza dialógica da psicoterapia necessita de metodologias alternativas e criativas para seu estudo. Os fenômenos terapêuticos, como estruturas textuais dialógicas, devem ser investigados no seu contexto, ou seja, no exercício do diálogo desenvolvido e vivenciado por seus participantes. Se a psicoterapia pode de fato ser considerada como um fenômeno intersubjetivo, então a micro interação e a comunicação em terapia podem ser estudadas empiricamente como uma estrutura textual experiencial.

Contrariando uma perspectiva mais tradicional de pesquisa de base fenomenológica, alguns teóricos vêm advogando pelo encontro e a integração de diferentes tradições de pesquisa (Elliot, 2008;2010; Mascolo & Kallio, 2020; Barker, Pistrang & Elliot, 2015; Zayed, 2008) pois argumentam que este encontro possibilitaria a investigação não só das percepções e experiências das pessoas engajadas em uma relação terapêutica, mas uma análise da interação experienciada pela díade terapeuta-cliente. A pesquisa empírica em psicoterapia, conforme Elliott (2008; 2010) deveria caminhar para um pluralismo metodológico, pois, como a própria terapia, requer diferentes processos de análise que envolvem tanto a descrição e a compreensão da experiência subjetiva, como a análise da experiência compartilhada (análise do que se passa no espaço do entre).

Em termos de instrumentos de investigação, uma proposta que já tem sido levada a cabo por pesquisadores (Angus, Watson, Elliott, Schneider & Timulak, 2015) seria aliar as entrevistas individuais (perspectivas de primeira pessoa, que buscam capturar a experiências dos participantes em uma ou mais sessões terapêuticas) com a análise de dados de ocorrência natural (perspectivas de terceira pessoa; como por exemplo, a análise do material gravado e transcrito de uma ou mais sessões terapêuticas). Esta última teria como objetivo capturar as dimensões compartilhadas ou intersubjetivas da experiência na sessão terapêutica (Zayed, 2008) que não são capturadas pelos métodos baseados no auto-relato do cliente e/ou do terapeuta, como a entrevista.

Em termos históricos, a preferência pelas entrevistas como instrumento de geração de dados nas pesquisas conduzidas por pesquisadores filiados à perspectiva fenomenológica é evidenciada por Gomes e Castro (2010). Os autores fazem uma retomada histórica da tradição da pesquisa clínica internacional e brasileira, descrevendo registros dos primeiros estudos empíricos de base fenomenológica. AmatuZZi (2010), apontado pelos autores como um dos pesquisadores de maior influência nacional, por exemplo, propõe um modelo investigativo de auto-relato qualitativo para a psicoterapia intitulado “versões de sentido”. No modelo proposto pelo autor, tanto terapeuta quanto cliente elaboram um relato espontâneo do que viveram na sessão terapêutica tendo como foco a experiência do estar-entre. Trata-se do que ele chama de “radiografia fenomenológica de um encontro” (AmatuZZi, 2010, p. 79), que visa justamente a análise do sentido produzido colaborativamente e partilhado na sessão terapêutica. A versão de sentido é definida como “um relato livre, que não tem a pretensão de ser um registro objetivo do que aconteceu, mas sim ser uma reação viva a isso, escrito ou falado imediatamente após o ocorrido” (AmatuZZi, 2010, p. 76).

Esta é uma proposta investigativa que, apesar de partir de um auto-relato subjetivo da experiência e ser um indicador indireto da sessão terapêutica - aplicado logo após a ocorrência da sessão terapêutica - visa uma compreensão do que se passou na relação e coloca no centro da análise investigativa a experiência interpessoal. Por meio dos relatos oriundos das versões de sentido é possível contrastar a experiência vivida tanto pelo cliente quanto pelo terapeuta, traçando paralelos e contrastes que visam uma compreensão mais completa dessa vivência intersubjetiva.

Sobre o uso de dados de ocorrência natural, pesquisas nacionais, no âmbito da fenomenologia, que façam uso de sessões terapêuticas gravadas, são bem menos frequentes do que as entrevistas individuais e os estudos de caso (Gomes & Castro, 2010; Pieta & Gomes, 2017; Stenzel, 2021). Internacionalmente, no entanto, muitos estudos têm sido conduzidos por meio desse modelo de geração de dados. Segundo Angus et al. (2015) no início da década de 1990, surgiu um método promissor para a análise da experiência compartilhada em sessão: o *Interpersonal Process Recall* (IPR). O IPR envolve a gravação em vídeo de sessões de psicoterapia que são posteriormente visualizadas pelo cliente e pelo terapeuta juntamente com o pesquisador durante a condução de uma entrevista de pesquisa. O objetivo da entrevista, aliada ao uso das sessões gravadas, é investigar a experiência da díade, momento a momento, em uma ou mais sessões de terapia. Ao focar a atenção no diálogo, permite que o pesquisador e o participante da pesquisa revisem e explorem sua interação de forma reflexiva. O IPR facilita a identificação colaborativa de processos e narrativas experienciadas durante a sessão envolvendo de forma efetiva os participantes da pesquisa, na exploração, na análise e na interpretação dos dados (Macaskie, Less & Freshwater, 2015).

O método proposto por Zayed (2008), o *Dialogical Phenomenological Methodology for Psychotherapy Research*, traz uma proposta metodológica semelhante ao IPR, visando investigar o sentido da experiência da relação terapêutica e do processo psicoterápico na forma como essa se revela em uma sessão. Mais próximo



das bases e da tradição da pesquisa fenomenológica, Zayed (2008) afirma que a psicoterapia pode ser estudada tanto subjetiva quanto intersubjetivamente fazendo uso do método empírico-fenomenológico de Amedeo Giorgi. A metodologia proposta pelo autor tem o intuito de acessar não só a experiência do terapeuta e do cliente, mas também o diálogo entre eles, capturado não só por um relato posterior das sessões - como nas versões de sentido propostas por Amatuzzi (2010) - mas também pela gravação de entrevistas. Segundo Zayed (2008) a intersubjetividade só pode ser acessada a partir da combinação da análise da própria sessão e dos relatos das experiências individuais do terapeuta e do cliente. Ao assistirem a sessão gravada, cliente e terapeuta revivem a experiência terapêutica e são então capazes de entrelaçar os significados da experiência vivida na sessão com a experiência reflexiva possibilitada pela gravação. O foco da entrevista posterior do pesquisador com o terapeuta e cliente é justamente aprofundar a dimensão intersubjetiva da experiência por meio do relato do significado da experiência vivida e revivida pelos próprios participantes.

Outro exemplo de pesquisas empíricas internacionais que visam a investigação da intersubjetividade e da interpessoalidade por meio da geração de dados de ocorrência natural e da análise microetnográfica em psicoterapia, vem sendo conduzidas por Anssi Peräkylä e estão ancoradas na linha teórico-metodológica da Análise da Conversa (AC). Segundo Peräkylä, Antaki, Vehviläinen e Leudar (2008), a AC envolve uma teoria da intersubjetividade empiricamente fundamentada em que organização sequencial expressa na interação e na fala dos participantes é a chave para a possibilidade de compreensão da relação que se estabelece entre a díade. Conforme os autores, a análise se concentra na construção colaborativa, ou seja, nos segmentos de interação em que os participantes, em conjunto, passo a passo, produzem uma descrição de algum evento, situação ou sentimento.

A tentativa de aproximação entre a fenomenologia e a análise linguística não é recente, como pode ser consultada no clássico texto de Taylor e Ayer (1959) - *Symposium: Phenomenology and Linguistic Analysis* - e que vem sendo retomada com certa força por teóricos contemporâneos, como Macolo e Kallio (2020). Mais especificamente a filiação epistemológica da AC ao campo da fenomenologia é bastante reconhecida e seus pressupostos teóricos são comumente associados a compreensão de *mundo da vida* cunhada por Husserl (1859-1938) e vastamente explorada por Schutz (1899-1959) no seu trabalho de interface entre a fenomenologia e as ciências sociais (Bickerton, Procter, Johnson e Medina, 2011; Lynch, 2000).

A AC não está filiada a nenhuma teoria psicológica e de processo psicoterapêutico (Peräkylä, Antaki, Vehviläinen & Leudar, 2008); ao contrário, seu arcabouço teórico-metodológico pode ser utilizado no contexto de várias abordagens. Recentemente uma publicação de Janusz e Peräkylä (2020) demonstra que estudos empíricos que visam a análise de sessões psicoterápicas gravadas poderiam se beneficiar da combinação do método da Análise da Conversa (AC) e do IPR - metodologia bastante utilizada internacionalmente por pesquisadores do campo da clínica filiados as perspectivas humanistas, fenomenológicas e existenciais (Angus et al., 2015).

A interface possível entre a proposta epistemológica e empírica da AC e a compreensão do processo clínico perspectivado pela fenomenologia é um dos interesses das pesquisas do Núcleo Aletheia (UFCSPA) - coordenado pela autora deste texto - em parceria com Grupo de Pesquisa Ciências da Linguagem - GPCL (UFCSPA). Por meio de estudos empíricos com dados de ocorrência natural que visam a análise microsociológica de sessões terapêuticas reais gravadas (Alberti, Krüger, Almeida & Stenzel, 2021), bem como sessões terapêuticas simuladas entre alunos de psicologia (Stenzel, 2020), os grupos de pesquisa vem implementando um projeto inovador no Brasil que busca a compreensão de processos psicoterápicos por meio da análise da interação entre a dupla terapeuta e cliente, visando entre outros objetivos a interface entre a fenomenologia e a AC. Um maior aprofundamento teórico-metodológico do campo se faz necessário, que já tem sido levado a cabo pela parceria entre estes grupos de pesquisa.

Outra linha de trabalho que vem sendo desenvolvida pelo Núcleo Aletheia (UFCSPA) está relacionada à investigação narrativa do processo psicoterápico por meio de sessões terapêuticas reais e simuladas. Um dos modelos de análise narrativa de sessões psicoterápicas mais conhecidos é o Narrative-Emotion Process (N-EP) desenvolvido por Lynne Angus e colaboradores (Angus, Boritz, Bryntwick, Carpenter, Macaulay & Khattra, 2017). Por meio do modelo proposto por Angus et al (2017) e revisado por Aleixo, et al. (2021), o *Narrative-Emotion Process Coding System 2.0 (NEPCS 2.0)* - de base humanista e experiencial - as pesquisas realizadas pelo Núcleo Aletheia (UFCSPA) buscam identificar os modos de processamento narrativo e experienciais, nos quais, clientes e terapeutas, se envolvem dialogicamente e interativamente na co-construção da história do cliente sobre si mesmo e sobre os outros. Na pesquisa com estudantes de psicologia (Stenzel, 2020), um dos objetivos é compreender a relação entre a mudança narrativa (de momento a momento) em sessões simuladas em roleplay (gravadas e transcritas) e a experiência vivida pelos estudantes no processo de formação com relação ao desenvolvimento de habilidades terapêuticas interpessoais.

A partir desses exemplos de pesquisas de pesquisadores internacionais e nacionais, sugere-se que o modelo de compreensão proposto neste artigo possa abarcar múltiplos métodos de geração e análise de dados e que aponte para um pluralismo metodológico e uma integração de metodologias, conforme sugerido por Elliot (2008;2010), Mascolo e Kallio (2020), Barker, Pistrang e Elliot (2015) e Zayed (2006). Como foi visto, na opinião destes teóricos contemporâneos ligados ao campo fenomenológico de pesquisa em psicoterapia, a pesquisa empírica, ao visar a compreensão do processo intersubjetivo e interpessoal da psicoterapia, poderia



combinar diferentes tradições de investigação qualitativa - como a fenomenologia, o construcionismo e a linguística - e diversificados métodos de geração de dados, como por exemplo, a geração de dados oriundos de entrevistas e auto-relatos (*self-report methods*), os estudos de caso sistemático (único e múltiplos) e a geração de dados de ocorrência natural (Barker, Pistrang & Elliott, 2015).

Considerações Finais

O reconhecimento da condição intersubjetiva e interpessoal dos processos e contextos psicoterápicos não parece ser um consenso na psicologia. A história da psicoterapia, por seu caráter positivista, afastou-se de uma reflexão e investigação que levasse em conta a condição ontologicamente intersubjetiva da subjetividade e das características interexperienciais do encontro psicoterápico. Tal esforço vem sendo feito nas últimas décadas por pesquisadores que se dedicam aos estudos dos processos psicoterápicos (Elliott, 2008, 2010; Norcross & Lambert, 2018; Parrow et.al, 2019; Wampold, 2015). No entanto, as abordagens investigativas ou são muito focadas em uma análise da estrutura dos processos significativos da sessão, ou se concentram exclusivamente na experiência que os participantes vivenciaram “na” sessão (Zayed, 2008).

Neste artigo, por meio da articulação de reflexões de teóricos da fenomenologia contemporânea e das ciências humanas buscou-se demonstrar a necessidade de abarcar a experiência psicoterápica integrando os campos subjetivo, intersubjetivo e transubjetivo que constituem a psicoterapia, evidenciando-se assim, o potencial epistemológico e metodológico de investigação da prática psicoterápica. Sugere-se que as análises dos processos em psicoterapia devam integrar uma análise interacional e intersubjetiva, perspectivada a partir do fundo antropológico, histórico e transubjetivo combinando diferentes tradições na pesquisa qualitativa, como a fenomenologia, o construcionismo e a linguística. Tal combinação teórica e metodológica poderia possibilitar a integração tanto das percepções e experiências da pessoa, como da comunicação interpessoal que ocorre entre a díade, permitindo assim, uma análise dialógica e interativa dos processos psicoterápicos e rompendo com modelos monológicos, atemporais e situados em um paradigma subjetivista.

Dessa forma, neste estudo teórico foi proposto um modelo compreensivo da relação terapêutica que rompe com a assunção de que a relação envolve o conhecimento de um (terapeuta) sobre o outro (cliente), em uma direção monológica, atemporal, visando o manejo de um estado mental destituído de sentido e vivido exclusivamente por um dos protagonistas da relação (o cliente). Ao contrário, a psicoterapia deve ser perspectivada por uma relação ontologicamente intersubjetiva, dialógica, empática, inserida na historicidade e na temporalidade, mediada pela comunicação, onde terapeuta e cliente constroem juntos sentidos sobre uma queixa (sofrimento) e são orientados por um modelo psicoterápico - também inserido e legitimado por um contexto e tempo específico. Todos estes elementos constitutivos que compõem o ser-e-estar-entre deveriam ser objeto investigativo e prático da psicoterapia.

O estudo teórico apresentado também acena para algumas possibilidades de pesquisa nesta direção e sugere que investigações futuras sobre os processos psicoterápicos possam explorar metodologias voltadas para descrição e análise microinteracional de sessões terapêuticas. Conclui-se que para as psicoterapias de base fenomenológica, a investigação do processo psicoterápico poderia se voltar para o estudo da intersubjetividade e da relação terapêutica. Em função da compreensão fenomenológica de que a experiência é fundamentalmente relacional, de que somos seres de relação, e que a psicoterapia é necessariamente um encontro intersubjetivo e interpessoal, sugere-se que é a descrição e análise desses elementos constitutivos e motores do encontro, podem contribuir para o desvelamento da experiência do processo psicoterápico. Acredita-se que o caminho para uma clínica que pretende-se de base fenomenológica deva se aproximar de uma investigação e prática psicoterápica pautada no ser-e-estar-entre.

Referências

- Alberti, M., Krüger, W. M., Almeida, A. D. N. & Stenzel, L. M. (2021). Análise microetnográfica da (co) produção da transexualidade em um atendimento clínico. *Psicologia e Sociedade*, 33. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33228146>
- Aleixo, A., Pires, A. P., Angus, L., Neto, D., & Vaz, A. (2021). A Review of Empirical Studies Investigating Narrative, Emotion and Meaning-Making Modes and Client Process Markers in Psychotherapy. *Journal of Contemporary Psychotherapy*, 51(1), 31-40. <https://doi.org/10.1007/s10879-020-09472-6>
- Alves, P. C. (2006). A fenomenologia e as abordagens sistêmicas nos estudos sócio-antropológicos da doença: breve revisão crítica. *Cadernos de Saúde Pública*, 22(8), 1547-1554. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2006000800003>
- Amatuzzi, M. M. (2006). A subjetividade e sua pesquisa. *Memorandum*, 10, 93-97. <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a10/amatuzzi03.pdf>
- Amatuzzi, M. M. (2009). Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. *Estud. psicol.(Campinas)*, 26(1), 93-100. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2009000100010>
- Amatuzzi, M. M. (2010). Versão de sentido. In M. Amatuzzi. *Por uma psicologia humana* (Cap. VI, pp. 75-89). Campinas, SP: Alínea. (Trabalho original publicado em 1996)



- American Psychological Association (APA) (2006). Evidence-based practice in psychology: APA presidential task force on evidence-based practice. *American Psychologist*, 61(4), 271-285. <https://www.apa.org/pubs/journals/features/evidence-based-statement.pdf>
- Angus, L., Levitt, H., & Hardtke, K. (1999). The narrative processes coding system: Research applications and implications for psychotherapy practice. *Journal of clinical psychology*, 55(10), 1255-1270.
[https://doi.org/10.1002/\(sici\)1097-4679\(199910\)55:10%3C1255::aid-jclp7%3E3.0.co;2-f](https://doi.org/10.1002/(sici)1097-4679(199910)55:10%3C1255::aid-jclp7%3E3.0.co;2-f)
- Angus, L., Watson, J. C., Elliott, R., Schneider, K. & Timulak, L. (2015). Humanistic psychotherapy research 1990–2015: from methodological innovation to evidence-supported treatment outcomes and beyond. *Psychotherapy Research*, 25(3), 330-347. doi.org/10.1080/10503307.2014.989290
- Angus, L. E., Boritz, T., Bryntwick, E., Carpenter, N., Macaulay, C., & Khattra, J. (2017). The Narrative-Emotion Process Coding System 2.0: A multi-methodological approach to identifying and assessing narrative-emotion process markers in psychotherapy. *Psychotherapy Research*, 27(3), 253–269. <https://doi.org/10.1080/10503307.2016.1238525>
- Barker, C., Pistrang, N., & Elliott, R. (2015). *Research methods in clinical psychology: An introduction for students and practitioners*. John Wiley & Sons.
- Bickerton, J., Procter, S., Johnson, B., & Medina, A. (2011). Socio-phenomenology and conversation analysis: interpreting video lifeworld healthcare interactions. *Nursing Philosophy*, 12(4), 271-281.
- Brum, E. H. M., Frizzo, G. B., Gomes, A. G., Silva, M. da R., Souza, D. D. de, & Piccinini, C.A. (2012). Evolução dos modelos de pesquisa em psicoterapia. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29(2), 259-269.
- Bucher, R. (1989). *A Psicoterapia pela Fala. Fundamentos, princípios, questões*. São Paulo: EPU.f
- Elkins, D. N. (2019). Common factors: what are they and what do they mean for humanistic psychology? *Journal of Humanistic Psychology*. <https://doi.org/10.1177%2F0022167819858533>
- Elliott, R. (2008). A linguistic phenomenology of ways of knowing and its implications for psychotherapy research and psychotherapy integration. *Journal of Psychotherapy Integration*, 18(1), 40. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/1053-0479.18.1.40>
- Elliott, R. (2010). Psychotherapy change process research: Realizing the promise. *Psychotherapy research*, 20(2), 123-135. <https://doi.org/10.1080/10503300903470743>
- Feijoo, A. M. L. C. (2004). A psicologia clínica: técnica e técnica. *Psicologia em Estudo*, 9(1), 87-93. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722004000100011>
- Feijoo, Ana Maria Lopez Calvo de. (2011). A crise da subjetividade e o despontar das psicologias fenomenológicas. *Psicologia em Estudo*, 16(3), 409-417. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722011000300008>
- Figueiredo, L.C. & Santi, P. L. (2008). *Psicologia, uma (nova) introdução*. São Paulo: EDUC.
- Fuchs, T. (2013). The phenomenology and development of social perspectives. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, 12(4), 655-683. <https://doi.org/10.1007/s11097-012-9267-x>
- Giorgi, A., & Sousa, D. (2010). *Método fenomenológico de investigação em psicologia*. Lisboa: Fim de século.
- Gomes, W. B., & Castro, T. G. D. (2010). Clínica fenomenológica: do método de pesquisa para a prática psicoterapêutica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26, 81-93. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000500007>
- Gonçalves, M. M., & Angus, L. (2017). Narrative measures in psychotherapy research: Introducing the special section. *Psychotherapy Research*, vol. 27, (3). <https://doi.org/10.1080/10503307.2016.1265687>
- Holanda, A. F. (2018). Martin Buber: A Vida em Diálogo. In: Andrés Eduardo Aguirre Antunez & Gilberto Safra (2018) (Orgs). *Psicologia Clínica da Graduação à Pós-Graduação* (p. 163-170). São Paulo: Atheneu.
- Holanda, A. F. (2019). O que é psicologia? Dilemas epistemológicos e repercussões contemporâneas. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, v.10 n1, p. 8-20. 2019. http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/39421/1/2019_art_afholanda.pdf
- Janusz, B., & Peräkylä, A. (2020). Quality in conversation analysis and interpersonal process recall. *Qualitative Research in Psychology*, 1-24. <https://doi.org/10.1080/14780887.2020.1780356>
- Jardim, A. P, Souza, M. L & Gomes, W. B. (2009). O self dialógico e a psicoterapia: uma compreensão dialógica da relação terapeuta-paciente. *Contextos Clínicos*, 2(1), 1-10. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822009000100001&lng=pt&tlng=pt
- Jodelet, D. (2009). O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. *Sociedade e estado*, 24(3), 679-712. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922009000300004>
- Jovchelovitch, S. (2004). Psicologia social, saber, comunidade e cultura. *Psicologia & sociedade*, 16(2), 20-31. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822004000200004>
- Jovchelovitch, S. (2008). *Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura*. Editora Vozes: Petrópolis, RJ.
- Lima, A. de A. (2008). Diálogo entre Carl Rogers e Martin Buber. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 14(2), 233-243. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000200012&lng=pt&tlng=pt



- Lynch, M. (2000). The ethnomethodological foundations of conversation analysis. *Text & Talk*, 20(4), 517-532. <https://doi.org/10.1515/text.1.2000.20.4.517>
- Macaskie, J., Less, J. & Freshwater, D. (2015). Talking about talking - Interpersonal process recall as an intersubjective approach research. *Psychodynamic Practice*, vol 21n.3, 226-240. <https://doi.org/10.1080/14753634.2015.1042517>
- Marková, I. (2017a). *Mente Dialógica: senso comum e ética*. (Lilian Ulup, Trad.) São Paulo: PUCPress.
- Marková, I. (2017b). A fabricação da teoria de representações sociais. *Cadernos de pesquisa*, 47(163), 358-375. <https://doi.org/10.1590/198053143760>
- Mascolo, M. F. & Kallio, E. (2020) The Phenomenology of Between: An Intersubjective Epistemology for Psychological Science, *Journal of Constructivist Psychology*, 33:1, 1-28. <https://doi.org/10.1080/10720537.2019.1635924>
- Messas, G. & Fukuda, L. (2018). O Diagnóstico Psicopatológico Fenomenológico da Perspectiva Dialético-Essencialista. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 6 (11), 160-191. <https://editora.sepq.org.br/index.php/rpq/article/view/189>
- Norcross, J. C., & Lambert, M. J. (2018). Psychotherapy relationships that work III. *Psychotherapy*, 55(4), 303-315. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/pst0000193>
- Parrow, K., Sommers-Flanagan, J., Cova, J., & Lungu, H. (2019). Evidence-based relationship factors: a new focus for mental health counseling research, practice, and training. *Journal of mental health counseling*, 41, 327-342. <https://doi.org/10.17744/mehc.37.2.g13472044600588r>
- Peräkylä, A. E., Antaki, C. E., Vehviläinen, S. E., & Leudar, I. E. (2008). *Conversation analysis and psychotherapy*. Cambridge University Press. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1017/CBO9780511490002>
- Pieta, M. A. M. & Gomes W. B. (2017). Impacto da relação terapêutica na efetividade do tratamento: o que dizem as metanálises? *Contextos Clínicos*, 10(1), 130-143. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822017000100011&lng=pt&tlng=pt
- Rey, F. L. G. (2012). O social como produção subjetiva: superando a dicotomia indivíduo-sociedade numa perspectiva cultural-histórica. *ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 2(2), 167-185. <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1023>
- Rieg, R. (2008). A relação dialógica: a descoberta do Zwischen em Martin Buber. (Dissertação Programa de Pós-graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da PUCRS) <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2774>
- Soares, L. (2011). O Estado da Arte Psicoterapêutica: Evolução Histórica e Bases Epistemológicas da Psicoterapia. *Revista de Psicologia da IMED*. 3. 462-475. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5154953>
- Sokolowski, R. (2012). *Introdução à Fenomenologia*. São Paulo: Loyola
- Stenzel, L.M. (2020) O roleplay como prática de ensino aprendizagem para a clínica humanista e existencial. In: *Anais do IV congresso luso brasileiro de práticas clínicas fenomenológico-existenciais* [livro eletrônico]: das bases filosóficas às práticas e pesquisas em psicologia /Rio de Janeiro: IFEN, 2020 (p.300-301). ISBN 978-65-87456-06-
- Stenzel, L. M. (2021). Fenomenologia e relação terapêutica: uma revisão integrativa da literatura. *Perspectivas Em Psicologia*, 24(2), 73-102. <http://www.seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/58170>
- Taylor, C., & Ayer, A. (1959). *Symposium: Phenomenology and Linguistic Analysis*. *Proceedings of the Aristotelian Society*, Supplementary Volumes, 33, 93-124. <https://www.jstor.org/stable/4106621>
- Teixeira, J. A. C. (2006). Introdução à psicoterapia existencial. *Análise psicológica*, 24(3), 289-309. <http://publicacoes.ispa.pt/publicacoes/index.php/ap/article/view/169/0>
- Teixeira, J. A. C. (2014). K. Jaspers e a Miséria da Psiquiatria do século XXI. In: Teixeira, J.C (2014) *100 anos da 'psicopatologia geral' de Karl Jaspers: Actas do Colóquio 100 Anos da 'Psicopatologia Geral' de Karl Jaspers*. Colóquio 100 Anos da 'Psicopatologia Geral' de Karl Jaspers. <https://btux.com.br/professorbruno/wp-content/uploads/sites/10/2018/07/Livro-sobre-Karl-Jaspers-e-seu-pensamento.pdf#page=65>
- Thomé, S. C. (2015). Temporalidade e constituição em Sobre a fenomenologia da consciência interna do tempo de Edmund Husserl. *Cultura e Fé*. 38 -155-171.
- Wampold, B.E. (2015). How important are the common factors in psychotherapy? An update. *World Psychiatry*, 14(3):270-277. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1002/wps.20238>
- Zahavi, D. (2014a). Empathy and other-directed intentionality. *Topoi*, 33(1), 129-142. <https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs11245-013-9197-4>
- Zahavi, D. (2014b). Você, eu e nós: o compartilhamento de experiências emocionais. *Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia*, 3(2), 151-170. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/Ekstasis/article/view/15182>
- Zahavi, D. (2019). *Fenomenologia para iniciantes*. Tradução: Marco Antonio Casanova. 1 ed. Rio de Janeiro: Via Verita.